

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

"GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE PANORÂMICA DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS"

Karen Santos Amorim¹; Lílian Miranda Bastos Pacheco²; Litza Pereira Santos³; Flávia Roberta dos Santos Pereira⁴.

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: www.krenamorim@hotmail.com.
2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: dlp.ba@terra.com.br
3. Graduada em Licenciatura em Pedagogia, Integrante do Grupo de Pesquisa DEHPE-UEFS, email: litza.pedagogi@gmail.com.
4. Bolsista de apoio técnico da FAPESB, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, email: flaviarspereira@hotmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: Produção Acadêmica, Relações de Gênero, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Num contexto de intensas lutas do movimento feminista, em defesa de uma sociedade onde haja a equidade de gênero, é que a temática veio ganhando significativa repercussão e espaço, não só no âmbito das discussões e debates acadêmicos, mas também na agenda política brasileira. Na década de 90, por exemplo, há um expressivo crescimento das produções acadêmicas em torno da temática das relações de gênero, em termos de defesa de teses, dissertações e monografias. Assim como, a criação de algumas importantes revistas científicas que se propõem a difundir estudos em torno deste determinando campo do conhecimento, fomentando assim a produção científica em torno do mesmo.

Este é o caso, por exemplo: da Revista de Estudos Feminista, sediada na Universidade Federal de Santa Catarina; os Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas; os Cadernos PAGU, da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas. Além de alguns Grupos de Pesquisa que também têm se debruçado sobre esta temática, como é o caso do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia e o Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero – GEERGE, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dentre outros, que vêm mostrar o crescimento e amadurecimento das produções em torno deste campo de estudo.

Assim como gênero, a educação da criança de 0 a 6 anos também vem se tornando, ao longo dos anos, objeto de estudo de diversos pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento, como: Sociologia, Educação, Antropologia, Psicologia, dentre outras. Uma vez que a criança, sob a perspectiva dos estudos da Sociologia da Infância, passa a ser vista não mais como um adulto em miniatura ou um vir a ser, mas como sujeito social, criador, transgressor e reproduzidor de cultura, que inventa e reinventa ao seu modo, maneiras de vivenciar e experienciar situações diversas, que nem sempre condiz com o esperado por nós adultos.

Além disso, podemos perceber também um expressivo número de documentos criados na década de 90, pelo Ministério da Educação e Cultura, de maneira a atender às especificidades da criança da Educação Infantil, como é o caso dos documentos: Propostas Pedagógicas e Currículo em Educação Infantil (BRASIL, 1996); Referencial Curricular

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998); dentre outros, demonstrando desta forma a visibilidade e relevância que a educação destes pequenos sujeitos vêm ganhando e o significativo espaço que vêm ocupando na academia, assim como, na agenda política brasileira. No entanto, apesar destas duas áreas do conhecimento estarem, nos últimos anos, ganhando visibilidade, poucas são as pesquisas que articulam infância e gênero.

Torna-se imprescindível então, compreender como as relações de meninos e meninas têm sido estabelecidas no ambiente, ou seja, de que forma a escola, tem contribuído para a construção da identidade de gênero de garotos e garotas. Um meio possível pelo qual pode-se responder a esses questionamentos é através da análise da produção científica em torno das temáticas: relações de gênero, Educação Infantil, ensino de Ciências e Matemática.

Nesta perspectiva é fundamental compreender como a transversalidade possível e necessária entre estas áreas está sendo abordada pelos estudiosos; o que se tem produzido em torno das mesmas, quais avanços, conquistas, lacunas e perspectivas têm sido apontadas pelos pesquisadores. Perceber o que a produção acadêmica tem a nos dizer foi o objetivo central deste estudo.

METODOLOGIA

Uma vez definido o objetivo desta pesquisa, buscou-se então determinar quais caminhos seriam percorridos para a viabilidade da mesma. Para tanto, o presente estudo foi dividido em cinco etapas distintas, porém complementares.

A primeira consistiu-se na identificação das fontes de dados consideradas por este estudo, a saber: os artigos de 25 periódicos publicados por programas de pós-graduação ou entidades científicas, cujo idioma principal fosse o português, na área de Educação e de Ensino de Ciências e Matemática, no recorte temporal de 1990 até 2003, classificados nas categorias A como periódicos de circulação nacional e internacional. Foram eles:

INTERNACIONAL A: Cadernos de Pesquisa – FCC; Educação e Pesquisa – Revista da Faculdade de Educação da USP; Educação & Realidade – UFRGS; Educação e Sociedade – CEDES; Revista Brasileira de Educação – ANPED; Investigações em Ensino de Ciências – UFRGS.

NACIONAL A: Avaliação (RAIES) – UNICAMP; Caderno Brasileiro de Ensino de Física – UFSC; Cadernos de Educação – UFPel; Educação PUC-RS; Educar em Revista – UFPR; Ensaio- Avaliação e Políticas Públicas em Educação – Fund. Cesgranrio; Perspectiva – UFSC; Pro-posições – UNICAMP; Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos – RBEP; BOLEMA (Boletim de Educação Matemática) UNESP; Cadernos de Saúde Pública – FIOCRUZ; Ciências & Educação – UNESP; Educação Matemática e Pesquisa – PUC/SP; Física na Escola – SBF; História, Ciências, Saúde – FIOCRUZ; Revista Brasileira de Ensino de Física/ Revista de Ensino de Física – SBF; Revista de Nutrição – PUC-Campinas; Zetetiké – FAEP/FUNCAMP.

A segunda etapa se constituiu em localizar os periódicos e os sumários, por meio: da Biblioteca Central Julieta Carteadó; virtualmente; do Sistema Nacional de Comutação Bibliográfica – COMUT e de visitas as bibliotecas de outras universidades. A terceira etapa consistiu na seleção dos artigos pertencentes à área da Educação Infantil que fizesse articulação com a temática das relações de gênero. Para tanto, observou-se no título, resumo, palavras-chave ou introdução a presença dos seguintes descritores: creche, pré-escola, educação infantil, 0 a 6 anos, criança, infância além de gênero, matemática e/ ou ciências.

Na quarta etapa, seria realizada a leitura completa dos textos e sua análise, que consideraria os seguintes critérios: data de publicação, autoria e filiação institucional, objeto de estudo, enfoques teórico e metodológico. A quinta e última etapa, portanto, configura-se na

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

produção do relatório de pesquisa e de relatos dos resultados para divulgação em congressos científicos.

RESULTADOS

Dos 25 periódicos considerados como fontes de dados desta pesquisa, não foi possível encontrar nenhuma produção acadêmica que trouxesse uma discussão ou debate em torno das temáticas relações de gênero, Educação Infantil e ensino de Matemática ou Ciências. Isto significa dizer que nenhuma reflexão sobre determinantes culturais da Educação da criança de 0 à 6 anos, nas áreas de Ciências e Matemática pôde ser encontrada. Entretanto é de suma relevância destacar que nos periódicos: Cadernos de Pesquisa – FCC; Educação & Realidade – UFRGS; Educação e Sociedade – CEDES; Revista Brasileira de Educação – ANPEd; Cadernos de Educação – UFPel; Educação PUC-RS; Educar em Revista – UFPR; Perspectiva – UFSC e Pro-posições – UNICAMP. Foi possível encontrar trabalhos que articulassem relações de gênero e Educação Infantil.

DISCUSSÃO

Como já fora mencionado, na análise dos 25 periódicos científicos considerados por esta pesquisa, no período de 1990 a 2003, não foi possível encontrar nenhum artigo que além de articular gênero e Educação Infantil, abordassem a questão do ensino de Ciências e Matemática. Já é sabido que repousam sobre estas duas disciplinas um estereótipo de forte significado social de masculinidade, onde expectativas e estímulos são oferecidos de forma diferenciada a meninas e meninos, como se fosse algo inerente a eles se interessarem por estas áreas, enquanto que elas se interessam pelas chamadas Ciências Humanas ou Sociais.

Nas palavras de Bourdieu (2007) esta diferenciação é exercida por meio de um poder simbólico que inculca de maneira arbitrária um discurso machista dominante, que converte características sociais em características de ordem natural, para dessa forma justificar e legitimar o “suposto” interesse dos meninos pelas chamadas Ciências Exatas e das meninas pelas Ciências Humanas. Quando na verdade, as crianças desde a mais tenra idade são encaminhadas, ensinadas e condicionadas a “gostarem” e “escolherem” determinadas áreas de atuação profissional que sejam condizentes com o seu sexo.

Os reflexos desta educação diferenciada para garotos e garotas são anunciados por Melo e Oliveira (2006) que ao analisarem, na base de dados Scielo, a produção científica brasileira feita por mulheres, constataram que elas ainda permanecem marcadas pelo estereótipo do papel dos “cuidados”, escolhendo as áreas vinculadas à Educação, Saúde e a Assistência Social. Os homens por sua vez, seguindo no rastro do papel definido socialmente para o sexo masculino, buscam a aventura do descobrimento dos campos científicos como a Engenharia, Ciências Exatas, da Terra e as Agrárias.

A ausência de estudos sobre gênero vem anunciar a necessidade cada vez mais imperiosa de se intensificar e aprofundar a produção acadêmica em torno deste assunto, de maneira a possibilitar uma reflexão mais profunda, fecunda e consistente acerca do mesmo, principalmente em cursos de formação de professores. Isto poderá permitir a transformação das práticas pedagógicas repressoras, sexistas e segregadoras oferecidas aos milhões de meninos e meninas que cotidianamente freqüentam o espaço público e coletivo das escolas de Educação Infantil deste país.

Além disso, esta ampla invisibilidade da temática aqui considerada é reveladora também do desinteresse dos pesquisadores pela mesma, de como a academia, enquanto *locus* de pesquisa e centro de formação de professores, tem dado pouca importância em discutir as questões referentes as relações de gênero, priorizando e super valorizando algumas poucas

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

temáticas já consolidadas academicamente como científicas, em detrimento de outras que parecem interessar apenas as feministas ou como diz Rosemberg (1996) as "mulherólogas". Pois conforme denunciado por Melo e Oliveira (2006) apesar do significativo crescimento da produção científica no Brasil nos últimos anos, esta infelizmente não tem sido sensível a problemática das relações de homens e mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que fora exposto e após as discussões e reflexões acerca das relações de gênero no âmbito da Educação Infantil, não podemos mais ignorar a significativa relevância desta temática “que introduz fissuras na ordem das coisas” (TELLES, 1999, p. 193). Denunciamos ao longo deste trabalho a ausência de artigos que relacionasse gênero, Educação Infantil, ensino de Matemática e Ciências, por isso anunciamos mais uma vez que muito há para ser feito, discutido, pesquisado e produzido acerca destas temáticas. Urge refletirmos sobre a forma de socialização de meninos e meninas, os tipos de brinquedos, brincadeiras e atividades a que são constantemente estimulados até a possibilidade de uma prática pedagógica menos sexista.

Sendo assim, cabe-nos enquanto pesquisadores, pesquisadoras, estudiosos/as e profissionais da Educação, identificarmos no cotidiano escolar como as relações de gênero entre os pequeninos se constitui, se hierarquiza, se cristaliza, entra em conflito ou se complementa (SAYÃO, 2003), para daí adotarmos medidas e iniciativas que conscientemente fomentem a equidade entre os sexos.

Pois diante de tantas expectativas e cargas de significados que cotidianamente depositamos sobre meninos e meninas, não é mais possível afirmar que elas preferem as Ciências Humanas e que eles escolhem as Ciências Exatas. “A questão fundamental está em reconhecer quem realmente faz as escolhas” (FINCO, 2008, p. 269). Ou seja, percebemos que o nosso tratamento desigual para com garotos e garotas, não só é percebido por eles e elas, mas é também reproduzido nas suas mais diversas formas de socialização e interação com seus pares ou com os adultos.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRASIL. MEC/SEF/Coedi. *Propostas Pedagógicas e Currículo em Educação Infantil*. Brasília: 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1998, Volume 1/2.
- FINCO, D. Socialização de gênero na Educação Infantil. *Ciências e Letras*. Porto Alegre, n. 43, p. 261-274, janeiro-junho/ 2008. Disponível em: <http://www.fapa.com.br/cienciaseletras>. Acesso em: 02/12/09.
- MELO, H. P. OLIVEIRA, A. B. “A produção científica brasileira no feminino”. *Cadernos Pagu*, n° 27, p. 301-331, julho-dezembro/ 2006.
- ROSEMBERG, F. Educação Infantil, classe, raça e gênero. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n° 96, p. 58-65, fevereiro/ 1996.
- SAYÃO, D. T. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. *Pro-Posições*. Campinas, v. 14, n. 3 [42], p. 67-87, setembro-dezembro/ 2003.
- TELLES, V. S. *Direitos sociais: afinal do que se trata?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.